

Vanini e a “Prudência” de Cristo: de Cardano a d’Holbach.

Original: *Vanini e la “Prudenza” di Cristo: da Cardano a d’Holbach.*
by Mario Carparelli*

Traduzido por Roberto Sávio Rosa
e Leandro de Araújo Sardeiro

recebido: 01/2013
aprovado: 03/2013

Resumo: Andrzej Nowicki, um dos maiores estudiosos de Giulio Cesare Vanini, escreveu que “a obra vaniniana [...] é uma entre as primeiras, na cultura européia, em que a pessoa de Jesus, também enquanto homem é completamente desvalorizada”. Na verdade, Vanini assemelha Cristo a um político maquiavélico, isto é a um político astuto, amoral, dissimulador e mentiroso, dedicado exclusivamente a alcançar os fins que se propôs. Em favor de sua tese, o filósofo queimado em Toulouse no ano de 1619 cita quatro episódios evangélicos, três dos quais tratam do *De sapientia de Cardano*. A mesma interpretação “maquiavélica” de Cristo e os mesmos episódios evangélicos foram retomados literalmente pelo anônimo autor do *Tratado dos três impostores*, o manuscrito clandestino mais divulgado dos Setecentos. Um dos episódios citado por Vanini e do anônimo autor do *Tratado* eventualmente será feito, em apoio a mesma interpretação da figura de Cristo, na *História crítica de Jesus Cristo, ou Análise racional dos evangelhos do Barão d’Holbach*, para demonstração do papel de “ponte” entre a herança tardo-renascentista e o racionalismo moderno que Vanini desenvolveu.

Palavras-chave: Vanini, Cristo, Manuscritos clandestinos, Cardano, d’Holbach

Abstract: Andrzej Nowicki, one of the most distinguished scholars of Giulio Cesare Vanini, wrote that “the work vaniniana [...] is one of the first in European culture, in which the person of Jesus, as a man, is completely devalued”. In fact, Vanini likens Christ to a Machiavellian politician, that is, a

* Università del Salento. Em@il: mario.carparelli@libero.it

wily politician, amoral, dissembler and liar, addicted to the exclusive achievement of the goals is proposed. In support of its argument, the philosopher burnt at Toulouse in 1619 cites four Gospel episodes, three of which taken from the *De sapientia* of Cardano. The same "Machiavellian" interpretation of Christ and the same Gospel episodes are taken literally by the anonymous author of the *Traité de trois imposteurs*, the clandestine manuscript more prevalent throughout the eighteenth century. One of the cases cited by Vanini and by the anonymous author of the *Traité* will eventually be taken to support the same interpretation of the figure of Christ, in the *Histoire critique de Jésus-Christ, ou Analyse des raisonnées Evangiles* of Baron d'Holbach, demonstrating the role of "bridge" between the legacy late Renaissance and modern rationalism that Vanini overlaid.

Keywords: Vanini, Christ, Clandestine manuscripts, Cardano, d'Holbach

§. Vanini e a admirável sabedoria de Cristo

Apesar de seu nome ser mencionado por setenta e sete vezes nas obras vaninianas (cinquenta e uma vezes no *Amphitheatrum* e vinte seis no *De admirandis*), somente em um caso Cristo é atacado, embora com tamanha violência que induz Andrzej Nowicki, um dos maiores estudiosos do filósofo nascido a Taurisano no ano de 1585, a dizer que “a obra vaniniana [...] é uma entre as primeiras, na cultura européia, em que a pessoa de Jesus, também enquanto homem, é completamente desvalorizada”¹.

O ataque em questão se registra, coincidentemente, no *De admirandis*, o escrito que rendeu a Vanini fama e sucesso², mas também, pela sua crueldade sem disfarces, não poucos problemas com os censores da Sorbonne, que, depois de aprová-lo em 20 de maio de 1616, o condenaram em 1º de outubro do mesmo ano, apenas um mês após a sua publicação³.

Mas por que, se continha um ataque contra Cristo, os censores aprovaram o *De admirandis*? Talvez, não o tivessem notado? Na verdade, no *De admirandis*, não é Vanini que ataca Cristo, mas um “ateu desventurado”⁴, “não homem, mas besta”⁵, que ele afirma haver encontrado em Amsterdam e do qual se limita por assim dizer, a referir as “blasfêmias execráveis”⁶ que pronunciou “com língua blasfema”⁷.

Pecado que aquela que os censores interpretaram como a boa fé de um “embaixador” que “não agride”, não é senão a

estratégia adotada por Vanini para publicar o impublicável, para difundir isto que não podia ser difundido.

Trata-se do recurso ao chamado “contexto protetor”, que consiste precisamente no relato de teses censuráveis em matéria de religião, principalmente ateias ou heréticas, com a desculpa de observar o método escolástico segundo o qual, antes de expor e argumentar as próprias teses ou aquelas que serão defendidas, é preciso sempre reconstruir o *status quaestionis*, elencando, uma por uma, as teses dos outros autores, especialmente aquelas dos adversários para depois refutá-las:

Também é verdadeiro que tais teses, secundo os ditames da censura, deveriam ser expostas brevemente e somente para serem vitoriosamente refutadas como falsas e inconsistentes; mas Vanini não apresenta escrúpulos em permanecer demoradamente sobre elas e colocá-las em contextos que exaltam todo o vigor especulativo, enquanto, ao contrário, as obrigações da refutação serão absorvidas rapidamente com argumentações fracas e caducas e, às vezes, somente com breves palavras injuriosas. [...] E à utilização desse método – que permite inserir trechos inteiros heterodoxos [...] – pode ser assimilado outro artifício colocado a disposição no *Amphitheatrum* e no *De admirandis* para escapar furtivamente à censura: a apresentação das teses ateísticas atribuídas a personagens desconhecidos que Vanini afirma ter encontrado casualmente no percurso das suas viagens e cujas opiniões viriam a ser referidas somente com a finalidade de serem refutadas⁸.

No caso específico, quais são estas teses? Em que consiste a “desvalorização” da figura de Cristo? Para melhor compreensão, é preciso primeiramente atentar minuciosamente sobre os capítulos 6 e 18 de *O Príncipe* de Maquiavel, obra que Vanini certamente leu.

No capítulo 6, intitulado *Dos principados novos que se adquirem com armas próprias e virtuosamente*, Maquiavel sustenta que “Moisés, Ciro, Romulo, Teseu e similares” são “os mais excelentes” entre aqueles que “por virtude própria tornaram-se príncipes”, ou entre aqueles que “por vias virtuosas” “granjearam o reino fundado”. A “vida” deles, as suas “ações” e as suas “ordens [...] particulares” demonstram de fato que foram “admiráveis” e a virtude “excelente” deles, porque foram capazes de superar brilhantemente todas as dificuldades

que se apresentaram “para conquistar o principado” das quais a maior foi, tratando-se de “inovadores”, a introdução de “novas ordens e modos”: em absoluto a coisa “mais difícil a tratar”, “mais duvidosa de conseguir” e “mais perigosa de manejar”.

Como conseguiram superar esta “dificuldade”? Com a “manutenção da fé”? “Vivendo com integridade”? Fundando-se sobre a “lealdade”? Combatendo “com as leis”, como é conveniente entre os homens? De modo nenhum! No capítulo 18, de título emblemático *De que modo os príncipes devem manter a fé*, Maquiavel explica que conseguiram porque viveram “com astúcia”, porque deram “pouca importância” à “fé”, porque souberam “contornar a inteligência dos homens; porque, enfim, souberam “agir como raposas”⁹.

Mas o segredo do sucesso de Moisés, Ciro, Rômulo e Teseu não está somente nestas características. Não basta, de fato, “agir como raposa”: “tal natureza se faz necessário saber bem colorir e ser grande simulador e dissimulador”. Por isso, se de uma parte é necessário “não [...] observar a fé, quando tal observação [...] se torna contrária e cessam as razões que a fizeram prometer”, de outra se faz do mesmo modo necessário “colorir a inobservância”. Ou seja, usar do engano. De outra parte, “são tão simples os homens, e obedecem tanto as necessidades presentes, que aquele que engana encontrará sempre quem se deixa enganar”.

“Disso – conclui Maquiavel – se poderia dar infinitos exemplos modernos e mostrar quanta paz, quantas promessas foram feitas irritantes e vazias através da infidelidade de príncipes: e aquele que soube usar melhor a raposa, foi melhor compreendido”. Assim, enfim, se comporta um “senhor prudente”. Assim, segundo Maquiavel, se comportaram Moisés, Ciro, Rômulo e Teseu. Assim, segundo o ateu de Amsterdam (e, implicitamente, segundo Vanini), se comportou Cristo, ao menos em quatro casos dos quais emerge claramente aquela que o ateu define a sua *admirabilis sapientia* (*admirável sabedoria*), ou, em termos maquiavélicos, a “admirável prudência” de quem se mostra um político astuto, amoral, dissimulador e mentiroso, dedicado exclusivamente a atingir os fins que se propôs”¹⁰, isto é um daqueles que no *Amphitheatrum* Vanini define “Político-Maquiavélico”¹¹:

Cristo, interrogado por judeus se se deveria apedrejar a adúltera, não disse não pelo impedimento legal, nem disse sim porque teria dado exemplo de ânimo cruel e

muitos poderiam facilmente abandonar a sua lei, mas respondeu: “*Quem de vocês não possui pecado que atire a primeira pedra*”. Então ninguém ousou condenar a adúltera.

Outra vez os escribas perguntaram se eram obrigados a pagar o tributo a César. Teme dizer não para não lhe julgarem réu de lesa-majestade; nem deseja dizer sim porque subverteria a lei de Moisés. Então, da mesma maneira que um jovem príncipe que, sentindo-se fraco, promete conservar no reino todos os antigos privilégios, mas, apenas se torna mais forte, recusa manter a promessa, ele – que havia dito no princípio: “*não vim para dissolver a lei mas para cumpri-la*” (e, todavia, uma vez se tornado famoso, a subverte no fundamento) – responde: “*de quem é esta imagem?*” E eles: “*de César*”. “*Então – concluiu – dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*”.

E em frente aos Fariseus que lhe perguntavam por qual poder ele ensinava as pessoas, percebeu que as dificuldades o constringiam de toda parte. De fato, se tivesse respondido: “*por um poder humano*”, seria acusado de mentira, porque não havia sido iniciado nos ritos sagrados dos hebreus. Além disso, por temor dos judeus não ousava afirmar abertamente que lhe fora concedida a autoridade de Deus. Então, com grande sutileza pergunta por qual poder João batizou e assim coloca os Fariseus em perigo análogo. A razão política, de fato, vetava atribuir a Deus a predicação de João, porque de outra forma os Fariseus se condenariam por fazerem resistência contra ele, nem tinham coragem de dizer que o batismo de João era uma mesquinha invenção humana, porque por sua vez atrairiam a ira dos fiéis.

Essas ações de Cristo são extremamente sábias. Mas o que supera a admiração de todos é a profecia do advento do anticristo, porque assim ele provê a eternidade da lei cristã [...]. [...] Cristo, que é o mais sábio dos profetas, prediz que virá um novo legislador, opositor da sua lei, odiado de Deus, seguidor dos demônios, escória de todos os vícios e desolações do mundo. Por isso ninguém se passará pelo anticristo porque não poderia receber senão desonra e infâmia. Assim na ausência de um anticristo, a lei cristã durará eternamente¹².

§. O Tratado dos três impostores

A mesma interpretação de Cristo que Vanini coloca na boca do ateu de Amsterdam se encontra na quarta das “negações” que Lanson examina nas suas *Questions diverses sur l'esprit philosophique en France avant 1750* e a propósito das quais se exprime nestes termos:

Encontra-se desde o fim do século XVII e nos primeiros anos do século XVIII, negações altivas, radicais, veementes, injuriosas, negações blindadas de erudição e aprofundadas de ciência ou de metafísica, que entram em choque com todo o aparelho dogmático, histórico e de filosófico sobre o qual o cristianismo repousa. Mas essas negações, salvo exceção, permaneceram manuscritas, ou sempre, ou por muito tempo¹³.

Referimo-nos ao *Tratado dos três impostores*: “o manuscrito clandestino mais difundido de todo o Setecentos¹⁴”. Publicado pela primeira vez em Haia no ano de 1719¹⁵, um século depois da queima de Vanini, foi justamente definido “o primeiro *Dictionnaire philosophique portatif* (e quase meio século antes do célebre volume voltairiano) do livre pensamento, anticristão e antiabsolutista¹⁶” por ser uma *colagem* de textos de Spinoza, Hobbes, La Mothe Le Vayer, Lamy, Charron, Naudé e, também, Vanini.

Este último, em particular, faz a parte do leão¹⁷ propriamente nos quatro capítulos¹⁸ dedicados a Cristo (*De Jesus Cristo, Da Política de Jesus Cristo, Da Moral de Jesus Cristo e Da Divindade de Jesus Cristo*) – cuja “espinha dorsal”¹⁹ é constituída pelo diálogo *De Deo* do *De admirandis*, exatamente o pano de fundo da reunião com o ateu de Amsterdam acima descrita.

E justamente as palavras do ateu de Amsterdam são retomadas ao pé da letra e traduzidas para o francês do autor anônimo, ou talvez fosse o caso de dizer compilador, do *Tratado*²⁰:

Há algo, por exemplo, de mais sutil que a resposta de Jesus sobre a mulher surpreendida em adultério? Os judeus tendo-lhe perguntado se apedreariam essa mulher, em vez de responder positivamente à questão; o que o teria feito cair na armadilha que seus inimigos lhe armavam, a negativa sendo diretamente contra a lei e a afirmativa o convencimento do rigor e da crueldade, o

que lhe alienou os espíritos: em vez, eu digo, de responder como teria feito um homem ordinário, que aquele, diz ele, *dentre vocês que é sem pecado atire-lhe a primeira pedra*. Resposta engenhosa e que bem mostra a presença de seu espírito.

Uma outra vez, perguntado se era permitido pagar o tributo de César e vendo a imagem do Príncipe sobre a moeda que lhe era mostrada, ele esquivou a dificuldade respondendo que se *deva entregar a César o que pertencia a César*. A dificuldade consistia no fato de que se tornaria criminoso de lesa-majestade, se ele negasse que aquilo fosse permitido, e que dizendo que era preciso pagá-lo, ele subverteria a lei de Moisés, o que ele afirmou não querer fazer jamais, quando creu-se sem dúvida muito fraco para fazê-lo impunemente, porque, quando tornou-se mais célebre, ele a subverteu quase totalmente. Ele fez como esses Príncipes que prometem sempre confirmar os privilégios de seus assujeitados, enquanto o poder não está ainda estabelecido, mas que, em seguida, não veem nenhum problema em conter suas promessas.

Quando os Fariseus lhe perguntaram de onde vinha a sua autoridade para pregar e ensinar o povo, Jesus Cristo, penetrando o objetivo deles, que tendiam somente a convencê-lo de mentira, seja respondendo que era por uma autoridade humana, porque ele não era de modo algum do Corpo Sacerdotal, o único encarregado da instrução do povo; seja vangloriando-se de pregar por ordem expressa de Deus, sua doutrina sendo oposta à Lei de Moisés; ele se livra do problema embaraçando eles mesmos e perguntando-lhes em nome de quem João fora batizado? Os Fariseus, que se opunham politicamente ao batismo de João, seriam eles mesmos condenados ao admitir que era em nome de Deus. Se eles não o admitissem, seriam expostos à raiva da plebe, que acreditava o contrário. Para sair dessa encruzilhada, eles responderam que nada sabiam a esse respeito, a que Jesus Cristo respondeu que ele não era obrigado a lhes dizer por quê e em nome de quem ele pregava.

[...] Jesus Cristo pensou habilmente em aproveitar dos erros da política de Moisés e em torná-la a Nova Lei eterna; empreendimento que conseguiu para além, talvez, de suas esperanças. [...] Jesus Cristo, mais hábil que os profetas Mosaicos, para desacreditar de antemão aqueles que se elevariam contra ele, predisse que um tal homem seria o grande inimigo de Deus, o favorito dos

Demônios, a assembleia de todos os vícios e a desolação do mundo. Após tão belos elogios, parecia que ninguém devia ser tentado a dizer-se *o Anticristo*, e não creio que se pudesse encontrar melhor segredo para eternizar uma lei, embora não haja nada mais fabuloso do que tudo o que se atribuiu a esse pretense Anticristo.

Nada de estranho se pensarmos que o *Tratado*, longe de depender de Vanini somente relativamente a interpretação “maquiavélica” de Cristo, tem em geral no “materialismo pré-científico e ateístico”²¹ do filósofo queimado em Toulouse no ano de 1619 o seu “fio condutor”²², e por isso a sua “pegada”²³, a despeito de quanto deixa entender o título original da obra (*Esprit de Spinoza*), se pode dizer com Francesco Paolo Raimondi, eminente estudioso vaniniano, que “*é muito mais vaniniana do que spinoziana*”²⁴.

§. De Cardano a d’Holbach

Na conclusão do seu iluminado ensaio sobre o *Tratado dos três impostores*, Francesco Paolo Raimondi observa também que o panfleto anônimo, que tanta sorte conheceu no século das luzes:

[...] foi também o meio através do qual o materialismo pré-científico e ateístico de Vanini, com seus casos significativos de uma *ratio naturalis* e de uma interpretação do mundo *per causas naturales*, produziu a fermentação mais fecunda na reflexão religiosa dos iluministas, de Diderot a d’Holbach, para não citar além de dois nomes significativos, e soldou ainda uma vez o racionalismo moderno à herança tardo-renascentista²⁵.

Agora, o papel de “ponte” (tanto para citar um termo também caro a Giovanni Papuli, recentemente falecido) entre “a herança tardo-renascentista” e o “racionalismo moderno” que Raimondi reconhece a Vanini encontra confirmação (não somente filosófica, mas até mesmo literal) também no caso da interpretação “maquiavélica” da figura de Cristo.

Testemunha-o, de uma parte, o fato que, como assinala Luigi Corvaglia²⁶, os primeiros três dos quatro trechos em questão, precisamente aqueles referentes as três “respostas” de Cristo, Vanini as obteve do *De sapientia* (1554) de Cardano, obra em que, por combinação, ao menos segundo o consultor

inquisitorial Alfonso Chacón, que a censurou²⁷, o Milanês apresenta Cristo como “[homem] que joga com palavras e engana os judeus”²⁸:

Cum enim Iudaei calumniae, calumniae causa illum interrogarent, adductâ adulterâ, an eam deberent lapidare? Intelligens dolum: (nam absolventi, lex & malum exemplum obstabat, condemnanti, crudelitas obiecta fuisset) respondit, qui sine peccato est, illam vestrum primus adoriatur.

Cùm verò interrogaretur, an tributum Caesari dare liceret, undique angustiis urgenti bus, (quòd neganti, crimen in Caesarem intentatae seditionis obici poterat; concedente, lex omnis Mosis ac divina solebatur) nummum videre voluit, sciscitatùsque imagine, cùm dicerent, Caesaris eam esse, respondit, quae Caesaris essent, Caesari reddenda, quae Dei, Deo.

Rursu, cùm interrogaretur, in qua potestate doceret, cognovit calumniam: nam divina autoritas periculum ei afferrebat, quòd odiosa esset illis: sacerdotio autem carens, humana praeferre non poterat. Respondit igitur interrogando & ipse, in qua potestate Ioannis baptizaret: cùmque illi eodem in discrimine essent, siluerunt. Nam decentibus inventum hominis sumpsit, periculum ex populo imminerebat: fatentibus à Deo habuisse originem, infamia praesens illis aderat, quo dilli non credidissêt: ita periculum periculo, infamiam infamiae opposuit²⁹.

De outra parte, na sua *História crítica de Jesus Cristo, ou Análise racional dos Evangelhos*, publicada no ano de 1770, para enfatizar que Cristo se comportava “muito prudentemente”³⁰ e que, em qualquer circunstância, demonstrava conhecer bem o “que a prudência exigia”³¹, o barão d’Holbach, na sua dúplice função de editor do *Tratado* e de leitor de Vanini³², citará como particularmente emblemática exatamente a passagem bíblica da mulher adúltera:

Os Doutores & Senadores chegaram um pouco mais tarde, e conduziram-lhe uma mulher acusada de adultério; crime para o qual, segundo a lei, ela deveria sofrer a morte. Nossos doutores conhecendo talvez sua conduta e que ele era acompanhado por mulheres de vida fácil, quiseram armar-lhe uma armadilha. Nosso homem poderia livrar-se dizendo simplesmente que não lhe cabia o julgamento; mas ele quis refletir; ele

escreveu sobre a poeira, e concluiu muito prudentemente que para julgar era preciso ser você mesmo isento de todo pecado. Então virando-se para os Doutores, *que aquele dentre vós*, disse-lhes, *que é sem pecado atire-lhe a primeira pedra*³³.

Ainda outra prova de como, através dos manuscritos clandestinos, o racionalismo ateu e antimetafísico de Vanini foi incorporado ao assim chamado Iluminismo radical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIENZO, Alessandro; BORRELLI, Gianfranco (a cura di). *Anglo-American Faces of Machiavelli. Machiavelli e machiavellismi nella cultura anglo-americana (secoli XVI-XX)*. Monza: Polimetrica, 2009.
- BERTI, Silvia. *Anticristianesimo e libertà: Studi sull'Iluminismo radicale europeo*. Bologna: Il Mulino, 2012.
- CARDANO, Girolamo. *De sapientia* [1544].
- CORVAGLIA, Luigi. *Le opere di Giulio Cesare Vanini e le loro fonti*. 2 Voll. Milano: Dante Alighieri, 1933-1934.
- D'HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Histoire critique de Jésus-Christ, ou Analyse raisonnée des Évangiles* [1770].
- GRANADA, Miguel Ángel (a cura di). *Cosmología, teología y religión en la obra y en el proceso de Giordano Bruno*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelon, 2001.
- LANSON, Gustave. Questions diverses sur l'esprit philosophique en France avant 1750 *Revue d'Histoire littéraire de la France*. v. 19. p. 1-29 e 293-317. Parigi. 1912.
- NOWIKI, Andrzej, *Le categorie centrali della filosofia del Vanini*, In. PAPULI, Giovanni (a cura di). *Le interpretazioni di G. C. Vanini*. Galatina: Congedo, 1975.
- PAPULI, Giovanni. *Studi vaniniani*. Galatina: Congedo, 2006.
- RAIMONDI, Francesco Paolo. *Giulio Cesare Vanini nell'Europa del Seicento*. Pisa-Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2005.
- _____. *Vanini e il «De tribus impostoribus»*, In. *Ethos e cultura. Studi in onore di Ezio Riondato*. Padova: Antenore, 1991.
- VANINI, Giulio Cesare. *Morire allegramente da filosofi. Piccolo catechismo per atei*. A cura di Mario Carparelli. Saonara: Il Prato, 2011.
- _____. *Tutte le opere*. A cura di Francesco Paolo Raimondi e Mario Carparelli. Milano: Bompiani, 2010.

NOTAS

¹ NOWICKI, 1975, p. 255.

² “Seu sucesso foi imediato, sobretudo entre os estratos mais cultos da sociedade parisiense, enquanto os libertinos assumiram bem cedo como modelo como se fosse o seu *vade-mécum* o a sua bíblia. Mas s fácil imaginar que o novo *best-seller* foi quase que imediatamente objeto de árduas discussões nos salões do tempo, pode-se também intuir que as autoridades atribuídas à censura não puderam ignorar o escândalo por muito tempo”.

³ O *De admirandis* foi publicado em 1 de setembro de 1616. Na trigésima segunda e última edição do *Index dos Livros Proibidos*, publicada em 1948, aparece ainda, entre as obras condenadas, o *De admirandis naturae reginae deaeque mortalium arcanis (libri quatuor)* de *Iulius Caesar Vaninus*, cuja inserção no catálogo dos livros proibidos remonta a 3 de julho de 1623.

⁴ *De admirandis*, p. 354 (VANINI, 2010, p. 1347).

⁵ *De admirandis* p. 359 (VANINI, 2010, p. 1353).

⁶ *De admirandis*, p. 359 (VANINI, 2010, p. 1353).

⁷ *De admirandis*, p. 357 (VANINI, 2010, p. 1351).

⁸ PAPULI, 2006, pp. 55-56.

⁹ O termo “golpe” [“golpe”] está, como se nota, para “raposa” [“volpe”]. Em um primeiro momento Maquiavel diz que precisa “usar a besta”, ou seja, ser contemporaneamente “raposa” e “leão”: “raposa para conhecer os laços” e “leão para desconcertar os lobos”. Mas imediatamente depois precisa que “aqueles que estão simplesmente sobre o leão não o pretendam” e que, ao contrário, “aquele que soube melhor usar a raposa, deu-se melhor”, estabelecendo de fato um primado da “raposa” sobre o “leão”, ou seja, da astúcia sobre a força.

¹⁰ ARIENZO – BORRELLI, 2009, p. 15.

¹¹ *Amphitheatrum*, p. XIV (VANINI, 2010, p. 330).

¹² *De admirandis*, pp. 357-359 (VANINI, 2010, pp. 1351-1353).

¹³ LANSON, 1912, p. 2.

¹⁴ BERTI, 2012, p. 94.

¹⁵ O *Tratado dos três impostores* veio a lume pela primeira vez em 1719 com o título *A vida e o espírito de Espinosa*, privo de lugar de impressão e nome do editor, mas em realidade publicado em Haia por Charles Levrier.

¹⁶ BERTI, 2012, p. 141.

¹⁷ N. do T.: Segundo o *Dizionario On-line d’Italiano Garzanti Linguistica* (disponível em <www.garzantilinguistica.it>, acesso em 06 jul. 2013, a expressão “*far la parte del leone*” significaria “tomar para si a melhor parte de algo, em detrimento dos outros”.

¹⁸ Segundo a edição, os capítulos VII-X ou XII-XV.

¹⁹ BERTI, 2012, p. 186.

²⁰ Silvia Berti o individua de maneira assaz convincente no jovem diplomático holandês Jan Vroesen (1672-1725), nascido em Roterdã e operante em Paris entre 1701 e 1702. Cf. BERTI, 2012, p. 160-174.

²¹ RAIMONDI, 1991, p. 290.

²² RAIMONDI, 1991, p. 290.

²³ RAIMONDI, 1991, p. 290.

²⁴ RAIMONDI, 1991, p. 290.

²⁵ RAIMONDI, 1991, p. 290

²⁶ CORVAGLIA, 1933-1944, pp. 269-270.

²⁷ Após a censura de Chacón, apresentada em 10 de setembro de 1572 e que dizia respeito a diversas obras de Cardano, em 29 de outubro de 1572 foram colocadas no Index todas as obras “não médicas” do Milanês, ainda que com a cláusula “donec corrigatur” [até ser corrigido].

²⁸ GRANADA, 2001, p. 119. N. do T.: frase em latim no original (*cavillator et deludens Iudeos*).

²⁹ CARDANO, 1544, p. 561.

³⁰ D’HOLBACH, 1770, p. 257.

³¹ D’HOLBACH, 1770, p. 96.

³² O *Sistema da Natureza* contém três citações explícitas do nome de Vanini, mas a obra de d’Holbach na qual mais que em qualquer outra se percebe o peso da influência do pensamento vaniniano sobre o barão é provavelmente *O bom senso* (1772).

³³ D’HOLBACH, 1770, pp. 257-258.